

A Educação Física no entendimento de escolares do ensino médio da região metropolitana de João Pessoa/PB

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar como o componente curricular Educação Física (EF) é compreendido por escolares do sexo masculino e feminino que frequentam o Ensino Médio (EM) na região metropolitana de João Pessoa/PB. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com a tipologia do tipo estudo descritivo, com o corte temporal transversal e foi fundamentada na análise de conteúdo como técnica de análise dos dados. Participaram do estudo 50 estudantes do 2º ano do EM de duas escolas localizadas na região metropolitana de João Pessoa - PB, sendo 25 do sexo masculino e 25 do sexo feminino. O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário semiestruturado (perguntas abertas e fechadas) composto por 11 questões. Através dos resultados obtidos, foi possível constatar que existiram tanto aproximações quanto diferenças no entendimento a respeito da EF entre escolares do sexo masculino e feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Escola; Ensino médio


Kaique Roberto de Souza Cassemiro

Licenciado em Educação Física
Universidade Federal da Paraíba,
Departamento de Educação Física, João
Pessoa, Brasil
kaiqueroberto87@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9629-9489>

Mateus David Finco

Doutor em Informática na Educação
Universidade Federal da Paraíba,
Departamento de Psicopedagogia, João
Pessoa, Brasil

mateus.finco@academico.ufpb.br
 <https://orcid.org/0000-0001-8407-0046>

Physical Education in the understanding of high school students in the metropolitan region of João Pessoa/PB

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze how the Physical Education (PE) curriculum component is understood by male and female students who attend High School (HS) in the metropolitan region of João Pessoa/PB. This is a qualitative research, with a descriptive study typology, with a cross-sectional temporal cut and was based on content analysis as a data analysis technique. Fifty 2nd year students from two schools located in the metropolitan region of João Pessoa - PB participated in the study, 25 males and 25 females. The instrument used in the research was a semi-structured questionnaire (open and closed questions) composed of 11 questions. Through the results obtained, it was possible to verify that there were both approximations and differences in the understanding of PE between male and female students.

KEYWORDS: Physical education; School; High school

La Educación Física en la comprensión de estudiantes de secundaria de la región metropolitana de João Pessoa/PB

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar cómo el componente curricular de Educación Física (EF) es entendido por alumnos y alumnas que frecuentan la Enseñanza Media (EM) de la región metropolitana de João Pessoa/PB. Se trata de una investigación cualitativa, con tipología de estudio descriptivo, con corte temporal transversal y se basó en el análisis de contenido como técnica de análisis de datos. Participaron del estudio 50 alumnos del 2º año de dos escuelas ubicadas en la región metropolitana de João Pessoa - PB, 25 del sexo masculino y 25 del sexo femenino. El instrumento utilizado en la investigación fue un cuestionario semiestructurado (preguntas abiertas y cerradas) compuesto por 11 preguntas. A través de los resultados obtenidos, fue posible verificar que hubo tanto aproximaciones como diferencias en la comprensión de la EF entre alumnos y alumnas.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Colegio; Escuela secundaria

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) no Ensino Médio (EM) é um componente curricular de relevante importância no contexto escolar, na medida em que, através dele, podem ser trabalhados diversos conteúdos que possibilitam a formação de um cidadão ativo na sociedade. Como exemplo, podemos citar alguns conhecimentos, tais como: a importância da prática de atividade física na prevenção de doenças, o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, assim como o combate a preconceitos de qualquer natureza (BNCC, 2017).

Todavia, muitas vezes, o componente curricular pode não apresentar o devido reconhecimento e valorização, e isso pode estar associado a diversos fatores: metodologias ultrapassadas utilizadas pelos docentes, que muitas vezes não condizem com os verdadeiros objetivos preconizados nos documentos normativos para o componente curricular; falta de estrutura escolar, visto que muitas instituições de ensino não dão as devidas condições necessárias ao professor de EF e não reconhecem o papel da disciplina na formação do aluno e formação deficitária durante a formação inicial.

No EM, essa afirmação ganha ainda mais notoriedade dado que, no governo do ex-presidente Michel Temer, foi promulgada a Medida Provisória nº 746, hoje Lei 13.415/17, que propôs a reforma dessa etapa da educação básica e que restringiu a obrigatoriedade do ensino da EF, à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, tornando-as facultativas no EM.

Entretanto, após a medida ter sido alvo de diversas críticas e protestos pelo país, sobretudo dos profissionais da área da educação e estudantes, o componente curricular voltou a fazer parte do EM. Desse modo, o parágrafo 2º do artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 2017, foi reescrito e agora se apresenta da seguinte maneira: “A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia”.

O entendimento dos estudantes com relação à EF tem sido objeto de pesquisa de alguns estudos. Entre alguns achados estão o desejo por atividades diversificadas, a apreciação pelo esporte, a importância das aulas devido à aprendizagem de conteúdos relacionados aos exercícios para manutenção da saúde e que as aulas de EF são consideradas como um espaço de sociabilidade (SILVA; RODRIGUES; FREIRE, 2017; KUHN, SILVA; MOLINA NETO, 2020).

Brandolin, Koslinski e Soares (2015) constataram que os escolares do EM do sexo masculino apresentaram três vezes mais chances de estarem satisfeitos com as aulas de EF na escola, quando comparados com as estudantes do sexo feminino. Ferreira, Graebner e Matias (2014) observaram que a percepção sobre as aulas de EF, no quesito sexo, apresentou diferenças: 70% dos

meninos declararam gostar sempre ou muitas vezes das aulas. Já entre as meninas, mais de 50% afirmou não gostar das aulas ou gostar apenas às vezes.

Em face dos resultados das pesquisas citadas acima, surgiram-nos estas questões problematizadoras: as estudantes do sexo feminino possuem um entendimento diferente da EF, quando comparadas aos escolares do sexo masculino? Se positivo, quais os fatores que estão por trás disso?

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como o componente curricular EF é compreendido por escolares do sexo masculino e feminino que frequentam o EM na região metropolitana de João Pessoa/PB, tendo como objetivos específicos: descrever como estudantes do EM consideram os conteúdos da disciplina de EF; identificar o significado das aulas de EF por escolares do EM; apresentar a opinião de escolares do EM a respeito das formas de participação entre os sexos em aulas de EF; e comparar o entendimento sobre a EF entre escolares do EM do sexo masculino e feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo se classifica como uma pesquisa de natureza qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2000), com a tipologia do tipo estudo descritivo (PRODANOV; FREITAS, 2013), com o corte temporal transversal (MALHOTRA, 2012) e é fundamentada na análise de conteúdo como técnica de análise dos dados (MORAES, 1999).

A pesquisa foi realizada em duas escolas localizadas em duas cidades distintas da região metropolitana de João Pessoa/PB, no período entre setembro e outubro de 2019. Inicialmente ambas as escolas foram visitadas e o propósito da pesquisa foi apresentado à direção, para que se tivesse a ciência dos procedimentos a serem adotados e fosse concedida a anuência.

Posteriormente uma nova visita foi feita em cada escola para selecionar uma turma do EM para participar da pesquisa que atendesse aos seguintes critérios: ser composta por escolares do sexo masculino e feminino e o horário da aula de EF fosse condizente com a disponibilidade de horário do pesquisador. Foram selecionadas duas turmas do 2º ano do EM, uma de cada escola. Ao total, foram 50 escolares participantes, sendo 31 da primeira escola (13 do sexo feminino e 18 do sexo masculino), e da segunda escola 19 (12 do sexo feminino e 07 do sexo masculino). Somados os participantes de ambas as escolas, tivemos 25 estudantes do sexo masculino e 25 do sexo feminino.

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário semiestruturado (perguntas abertas e fechadas). Lakatos e Marconi (2003, p. 201) definem questionário como sendo “um instrumento

de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. O questionário foi respondido na própria sala de aula das turmas, no horário da aula de EF, e teve duração média de vinte minutos. Os questionários dos participantes foram numerados de 01 a 50, para que não fossem expostos seus nomes e para que se tivesse um melhor controle para a análise dos dados do instrumento de pesquisa no quesito da identificação e separação entre escolares do sexo masculino e feminino.

O instrumento foi pré-testado, visando responder aos questionamentos de acordo com os objetivos do estudo e validado em conjunto com outros membros pesquisadores da área de EF (docentes, discentes de graduação e pós-graduação) do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Atividade Física e Saúde (LEPAFS – UFPB).

Para o desenvolvimento da análise de dados, as informações obtidas foram identificadas, interpretadas e analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo. De acordo com Bardin (1977, p. 38) “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Conforme a autora, essa técnica é realizada em três etapas: 1- Pré-Análise; 2- Exploração do Material e 3- Interpretação dos Resultados. Na primeira, sistematizamos as ideias, formulando hipóteses e objetivos. Na segunda etapa, é feita a codificação e categorização dos resultados. Na terceira, com os resultados em mãos, são feitas as interpretações e inferências com o tema que está sendo tratado. Como é uma técnica de análise de conteúdo, o que nos interessou nesta pesquisa foi, principalmente, o conteúdo presente nas respostas discursivas.

O questionário foi composto por 11 questões, sendo seis abertas e cinco fechadas. Ele foi dividido em três categorias, para uma melhor análise dos dados: Categoria 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa; Categoria 2: Compreensão das aulas de EF (Conteúdos e Significado das aulas) e Categoria 3: Aulas mistas *versus* separadas. Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob o parecer número 3.611.142.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atendendo aos objetivos do estudo, os resultados foram divididos em três categorias conforme a estruturação do roteiro do instrumento de pesquisa: 1) Conteúdos de Preferência nas aulas de EF, 2) Significado das aulas de EF e 3) Aulas mistas *versus* aulas separadas. Dentro de

cada categoria, os resultados foram analisados conforme a maior incidência de palavras encontradas nas respostas, fazendo a comparação entre as respostas dos estudantes de ambos os sexos.

Conteúdos de Preferência nas aulas de EF

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em dezembro de 2017, a EF possui seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos; esportes; ginásticas; danças; lutas; e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017). Percebe-se que há um amplo repertório de conteúdos a serem trabalhados na disciplina. Conforme o gráfico 1, é possível observar os principais conteúdos da Educação Física apontados pelas participantes do sexo feminino:

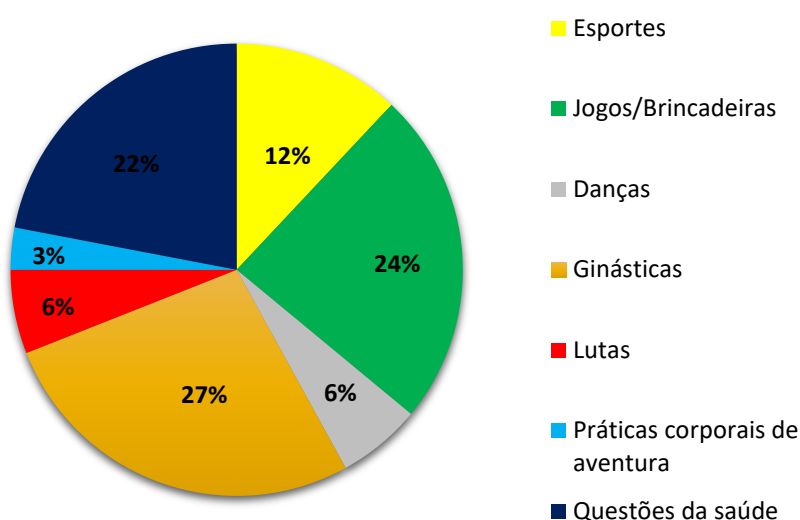


Gráfico 1: conteúdos escolhidos pelas escolares do sexo feminino.

Através das respostas é possível constatar que a maior incidência de respostas se deu para conteúdos de ginástica, jogos/brincadeiras e questões da saúde. Quando indagadas sobre o porquê de terem escolhido determinado conteúdo, a maioria das escolares (52%) justificou utilizando termos relacionados a **divertimento/diversão**. Esse achado é semelhante ao encontrado por Silva, Rodrigues e Freire (2017) no qual as discentes expressaram, em frases, que elas gostam ou se divertem ao realizar as atividades propostas nas aulas de EF.

Apresentando algumas respostas das alunas, temos a respondente 46, que optou pelo conteúdo *Danças* e argumentou que: “*Porque eu gosto e acho que seria mais dinâmico e **divertido***”. Já a respondente 48 escolheu o conteúdo *Jogos e Brincadeiras* e apontou: “*Acho **divertido** e assim podemos descontrair*”. A aluna 49 também optou pelo conteúdo apontado pela respondente 48 e afirmou que: “*Seria mais **divertido** as aulas e assim chamaria a atenção de todos*”.

Esses relatos corroboram também com um estudo feito por Betti e Liz (2003) com escolares do sexo feminino, no qual as estudantes enxergavam a EF como uma obrigação e, ao mesmo, tempo diversão:

As alunas classificaram a Educação Física simultaneamente como “obrigação” e “diversão” – quer dizer, a Educação Física lida com princípios contraditórios: de um lado a obrigação de uma disciplina escolar tal como as demais, de outro, o prazer, a diversão, a alegria proporcionada por sua dinâmica peculiar, o que é percebido pelas alunas (BETTI; LIZ, 2003, p. 141).

Pelo fato da EF possuir aulas práticas com movimento, acreditamos que as estudantes veem nos conteúdos uma forma de divertimento, o que contrasta com a rotina de estudos de outras matérias. Comumente, no aprendizado de outras disciplinas, os alunos permanecem sentados, escrevendo e apenas observando o professor ministrar o conteúdo. Já nas aulas de EF, geralmente, os escolares podem correr, brincar, falar, movimentar-se.

Entretanto, muitas vezes o único valor que parece ser atribuído à EF é a diversão (MARTINS; FREIRE, 2013). Contudo, é importante saber que a EF é uma disciplina escolar como qualquer outra e, portanto, deve ser compreendida como tal e não possuir um valor apenas de “divertimento”. Essa cultura de disciplina “recreacionista” deve ser combatida, pois, desse modo, o valor da EF para a formação integral do indivíduo acaba sendo ignorado pelos escolares em detrimento de aspectos relacionados apenas ao prazer do divertimento, vindo a atenuar, de certa forma, a importância dada à disciplina no currículo.

Sobre qual conteúdo nunca vivenciaram nas aulas e compreendem que seria de grande importância, sobressaiu-se o termo **Dança** com nove respostas (09 respondentes do sexo feminino). Como exemplo, temos a respondente 32 que escreveu dança e argumentou que: “*Dança ajuda quem não gosta tanto de esportes*”.

É importante lembrar que a dança está incluída nas seis unidades temáticas da EF, conforme a BNCC e, portanto, é um tema que deve ser trabalhado nas aulas. Esse conteúdo traz diversos benefícios (sociais, culturais, motores) e favorece a conscientização acerca do corpo. Também favorece o conhecimento sobre a cultura corporal do movimento, promoção da saúde e o resgate as aspectos históricos e socioculturais (CRUZ; MEDEIROS, 2020; SILVA et al, 2012). No gráfico 2, pode-se observar os conteúdos mais apontados pelos participantes do sexo masculino:

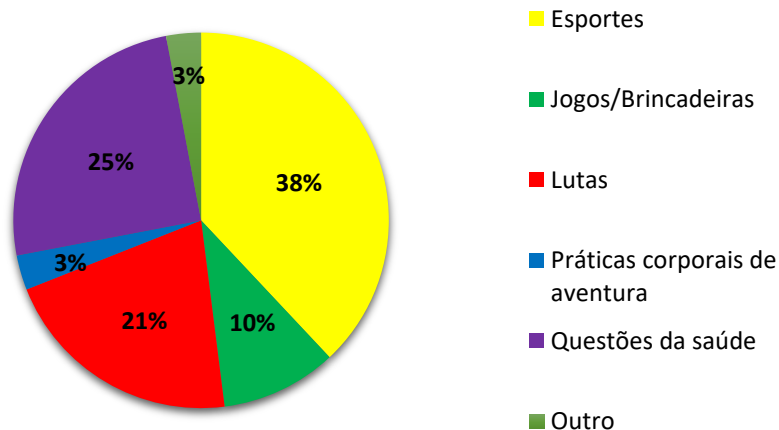


Gráfico 2: conteúdos escolhidos pelos escolares do sexo masculino.

A preferência dos vinte e cinco meninos, quando questionados sobre o conteúdo que deveria ser trabalhado com maior frequência nas aulas, foi o conteúdo esportes, seguido de questões da saúde e lutas. Quando perguntado o porquê de escolher determinado conteúdo, a maior parte justificou utilizando a palavra **saúde**. Como exemplo, o respondente 10 selecionou o conteúdo *Lutas* e argumentou que: “Ajuda mentalmente e fisicamente os alunos e ajuda na **saúde**. O respondente 15 optou pelo conteúdo *Questões de saúde* e escreveu que: “Temos muito jovens que não se importam com a **saúde** e seria legal ter isso nas aulas, associando o esporte a **saúde**”. O respondente 21 votou no conteúdo *Esportes* e justificou dizendo que: “Por que é uma coisa boa para a **saúde** praticar atividade física”.

Quando questionados sobre qual conteúdo nunca vivenciaram nas aulas e compreendem que seria de grande importância para os alunos, novamente o termo que prevaleceu foi **saúde**. Como exemplo, temos os respondentes 10, 23 e 25 que escreveram, respectivamente: “A introdução sobre a **saúde**”; “Questões de **saúde** para a aula ser útil para todos e não só para um grupinho”; “**Saúde** corporal”.

Essa preferência dos meninos por esporte e saúde é reflexo do que a EF por muito tempo representou no contexto escolar: esporte de alto rendimento relacionado à promoção da saúde. Durante décadas, a relação da escola com o tema saúde legitimou a função social da EF na educação básica. Os professores de EF reproduziam um discurso médico-higienista sobre a relação entre atividade física e a prevenção de doenças como diabetes, hipertensão, sedentarismo e obesidade. O esporte era o conteúdo predominante e sua prática era incentivada nas escolas. Essa concepção veio a ser chamada posteriormente de esportivizante, e até os dias de hoje exerce influência sobre a EF (BRACHT, 2019).

Percebemos, então, o interesse dos meninos em adquirir conhecimentos na disciplina de EF a respeito da saúde. Oliveira e colaboradores (2017) nos trazem apontamentos a respeito da escola e a importância que se tem de tratar o tema saúde:

Sobre a concepção de escola, observamos que é reconhecida como local privilegiado para abordar a temática saúde, considerando o número de pessoas que circulam e convivem na escola, para garantir o maior número de informações referente à educação para a saúde, com a adoção de hábitos saudáveis na vida adulta (OLIVEIRA *et al.*, 2017, p. 122).

Ao adotar o conteúdo saúde em suas aulas, o professorado de EF irá dispor de uma vasta gama de temas que podem ser trabalhados. Entre eles podemos citar o conceito de saúde, os componentes da aptidão física, educação alimentar, importância da prática de exercícios físicos e a influência da mídia nos padrões de beleza atuais. Tais conteúdos podem também vir a ser trabalhados através de seminários, trabalhos em equipe ou feira de ciências, atraindo o interesse dos escolares para com o tema. Além de que trabalhar temas relacionados à saúde e cuidado com o corpo consta nas competências gerais para a Educação Básica pela BNCC.

Significado das aulas de EF

Os escolares atribuem valor às diversas disciplinas conforme suas experiências anteriores, e o professorado têm uma grande parcela de contribuição nesse quesito. Conforme Betti (1999), um dos princípios pedagógicos que deve guiar as aulas de EF é a alteridade, pois o professor deve considerar o ponto de vista dos discentes, os significados e valores que eles atribuem às diversas atividades de ensino.

Quando questionados sobre qual a importância de haver aulas de EF, a predominância das respostas (14 das meninas e 11 dos meninos) foi a mesma para ambos os sexos: a palavra **saúde**. A participante 26 respondeu que: “*É importante para a **saúde** e também porque a maioria dos alunos não pratica nenhum tipo de exercício fora da escola*”. A participante 37 falou que é importante haver aulas de EF: “*Para praticarmos exercícios em benefício a nossa **saúde** e para não sermos sedentários*”. Na mesma ideia, o participante 06 respondeu que: “*Além da **saúde** física, ajuda na **saúde** mental e ajuda no combate ao sedentarismo*”.

Estes resultados são semelhantes aos encontrados por Darido (2004), no qual a grande parte dos escolares do EM (46,1%) apontou que o motivo pelo qual participam das aulas de EF é a melhora da saúde. Outro resultado similar foi o encontrado por Silva, Rodrigues e Freire (2017) em que 14% dos escolares do EM citaram que a EF traz benefícios para a saúde e melhora o desempenho físico.

Diante dos resultados obtidos nesta categoria, foi possível perceber que a EF possui o mesmo significado para os escolares de ambos os sexos: a aula de EF é importante porque traz benefícios para a saúde. Araújo e Bossle (2022) puderam constatar que a saúde é um elemento que confere identidade à EF, incentivando, através dos esportes, comportamentos que buscam a saúde. É importante também que os escolares mantenham a prática de atividade física não só durante o período escolar, mas para toda a vida.

Quando perguntado como seria uma aula atraente e interessante, entre os meninos o termo **esportes** se sobressaiu (06 respostas). Como exemplo, temos os participantes 03, 04 e 17 que responderam respectivamente: “*Com mais **esportes** diferentes para praticar*”; “*Com bastantes práticas **esportivas***”; “*Com vários **esportes** moderados durante os treinos*”. É importante mencionar que, entre as meninas, a palavra esporte apareceu apenas em duas das vinte e cinco respostas.

O resultado da nossa pesquisa também se relaciona com um estudo feito por Uchoga e Altmann (2016) no qual os resultados apontaram que os meninos, por terem um espírito mais competitivo e se julgarem mais habilidosos, têm um envolvimento maior na prática esportiva enquanto as meninas não se colocam em posição de destaque, ocupando uma posição menos ativa durante as práticas esportivas nas aulas. Os autores argumentam que:

Uma possível explicação é que diante das expectativas corporais para meninos e meninas, o sucesso na obtenção de um ponto dentro do jogo, se destacar e exercer papéis decisivos nas jogadas, está mais atrelado ao gênero masculino do que ao feminino. Embora essa percepção nem sempre se confirme, pois muitas meninas também se destacam nas atividades e disputam relações de poder nas diversas práticas corporais, a crença de que eles, quando comparados a elas, são mais habilidosos já interfere de antemão nas maneiras de participar do jogo [...] (UCHOGA; ALTMANN, 2016, p. 166).

Os dados obtidos em nosso estudo no quesito “considerar-se habilidoso em algum esporte” corroboram com o do estudo acima. Na categoria de caracterização dos sujeitos, aos discentes foi perguntado se se consideram habilidosos(as) em algum esporte e 60% dos meninos disseram que sim, 40% não. As porcentagens das meninas foram as mesmas, porém com as respostas inversas (60% não e 40% sim). A partir desses achados, podemos inferir que, por se considerarem mais habilidosos, os meninos podem apresentar maior interesse em aulas com práticas esportivas se comparados às meninas, que em sua maioria não se percebem habilidosas para o esporte.

Também muitos meninos praticam alguma atividade esportiva fora do ambiente escolar, quando em comparação com as meninas. Os escolares também foram questionados se praticam regularmente algum esporte ou atividade física fora da escola e os resultados apontaram uma diferença enorme: 72% dos meninos responderam que sim, contra apenas 36% das meninas. Esse é

um fator que faz com que os meninos se envolvam mais com o esporte e cada vez mais queiram praticá-lo, sobretudo nas aulas de EF.

Essa preferência dos escolares do sexo masculino pelo esporte quando comparada com os do sexo feminino também é fruto de um contexto histórico e social em que os indivíduos são disciplinados a seguir determinados padrões que os grupos os quais eles integram consideram como normais. O esporte funciona como uma estratégia que legitima a masculinidade e que inibe a participação feminina devido à articulação de dois elementos: pelo simples fato de serem meninas e por serem menos habilidosas. Além disso, se alguma menina tenta “quebrar” essas normas, ela vem a ser classificada como menino ou com outras nomeações (WENETZ; STIGGER, 2006).

Já quando as meninas foram questionadas de como seria uma aula de EF atraente e interessante, sobressaiu-se (07 respostas) o termo **brincadeira**. A participante 30 respondeu “*Uma aula com jogos e brincadeiras que envolvesse o grupo como um todo*”. Já as estudantes 40, 43 e 46 responderam, respectivamente: “*Com jogos e brincadeiras que interessem a todos*”; “*Com brincadeiras e métodos que melhorem a aula*”; “*Uma aula descontraída com brincadeiras*”.

Pudemos inferir que, através das respostas, assim como no conteúdo das danças, que as estudantes relataram que as aulas se tornariam interessantes através da aplicação de brincadeiras pela não exigência, na maior parte de sua execução, de habilidade e/ou força física e menor exigência de condicionamento físico.

Aulas Mistas versus Separadas

Este estudo também revelou se havia um tratamento diferente entre meninas e meninos e se as aulas de EF deveriam ser separadas ou mistas para os alunos e alunas. Os resultados apontaram os mesmos resultados entre os dois sexos: tanto 88% (22 escolares) dos meninos quanto das meninas, apontaram que não há diferença no tratamento por parte do professor, contra 12% (03 escolares) que responderam positivo. Os poucos estudantes que responderam positivamente relataram, de forma geral, que os exercícios passados pelo professor são diferentes entre os sexos (com os das meninas sendo mais leve). Em relação a aulas juntas ou separadas, 50% dos respondentes do sexo masculino opinaram que as aulas deveriam ocorrer juntas entre meninos e meninas, contra 50% que apontaram que não. Com as escolares do sexo feminino o resultado foi parecido: 56% responderam que as aulas deveriam ser mistas, contra 44% separadas. Nos gráficos 3 e 4, logo abaixo, podem-se observar as escolhas dos participantes do sexo masculino e sexo feminino acerca das aulas mistas ou separadas:

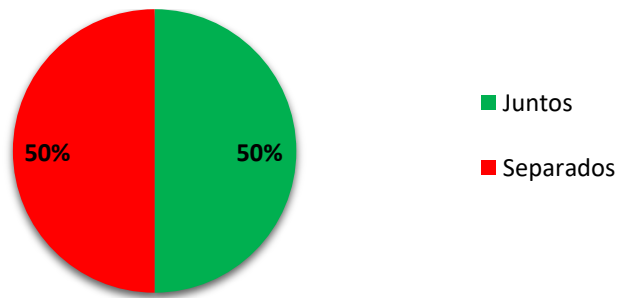


Gráfico 3: escolha dos meninos por aulas mistas *versus* separada.

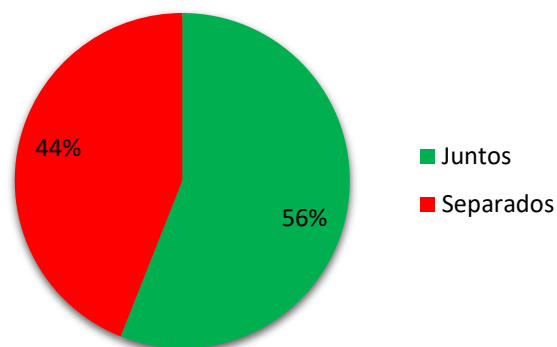


Gráfico 4: escolha das meninas por aulas mistas *versus* separada.

Na legislação brasileira que norteia a prática da EF escolar, não há menções que obriguem a forma de como a disciplina deve ser ministrada no quesito aulas separadas por sexo ou aulas mistas. É importante mencionar que uma forma de abordagem das aulas que ultimamente vêm sendo problematizada são as aulas coeducativas, Jesus e Devede (2006, p.129) nos trazem que essas aulas “são uma prática na qual os alunos e alunas tendem a estarem juntos participando das atividades propostas na aula quando podem ser problematizadas as questões de gênero inerentes às atividades”. Os autores argumentam que esse modelo pode trazer contribuições para EF como a promoção de interação social entre grupos heterogêneos, valorização e problematização de suas diferenças e o combate ao sexismo.

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) apontam que, a partir da década de 1990, a EF começou a passar por mudanças, com o objetivo de proporcionar aos escolares de ambos os sexos as mesmas oportunidades de práticas corporais, com as aulas passando a serem mistas. Uchoga e Altmann

(2016, p.164) abordam que: “Atualmente as aulas de educação física não mais são legalmente separadas por sexo, processo que, longe de ser pacífico e linear, deu-se no início dos anos 1990”.

No conteúdo presente nas respostas dos alunos de ambos os sexos que optaram por aulas separadas, o que se sobressaiu (05 respostas femininas e 06 respostas masculinas) foram as justificativas sobre as **diferenças biológicas** entre sexo masculino e feminino, em detrimento de outras justificativas como receio de discussões e preferência por conteúdos diferentes.

Revelando a opinião masculina, por exemplo, temos os respondentes 16 e 19 que escreveram, respectivamente: “*Devido a diferença muscular e física que pode levar a uma desvantagem nas atividades*”; “*Por mais que seja tentadora a ideia de meninas e meninos juntos, é necessária a separação já que são corpos biologicamente e fisicamente diferentes*”. Representando algumas respostas das meninas, temos as participantes 45 e 46 que responderam, respectivamente: “*Por causa da diferença de resistência e agilidade entre meninos e meninas*”; “*Para que não ocorra acidentes graves, pois os portes físicos são diferentes*”.

Tais relatos corroboram com um dos achados de Barbosa (2012) que questionou alguns professores sobre quais os motivos que levam estes a separar as turmas. Através dos depoimentos dos docentes, o autor encontrou dois principais motivos para a separação dos meninos e meninas: a falta de motivação e interesse das meninas e as diferenças biológicas e psicológicas entre os sexos.

É importante se dizer que, independentemente de desigualdades físicas entre os sexos, o conteúdo deve ser proporcionado de forma igualitária para todos. Essas diferenças são importantes para as aulas e o professor vindo a trabalhá-las, diversas contribuições podem ser trazidas para a formação dos alunos. Sobre o tema, Jesus e Devede (2006, p. 128) trazem que: “A problematização da construção cultural das diferenças de gênero em relação à participação de homens e mulheres em determinadas modalidades de desporto, a partir de discussões construídas na interação das aulas, tende a diminuir os conflitos de gênero entre os sexos”. Os autores argumentam que isso gera um sentimento de solidariedade e melhor entendimento acerca das diferenças, vindo a gerar a tolerância de ambos os sexos sobre desempenho nas atividades propostas nas aulas.

Dornelles (2011) nos traz um trecho de um relato de um professor que opta pela separação das aulas, tendo como uma das justificativas a diferença física entre os sexos, corroborando com os achados da nossa pesquisa:

Eu acho muito mais vantajoso trabalhar com turmas separadas. O rendimento é melhor, o entendimento é mais fácil. [...] O que acontece: os guris tem muita mobilidade, se movimentam com muita facilidade, com muito mais rapidez, e as gurias são muito lentas, muito lerdas, então, elas não acompanham eles. Então, fica um desequilíbrio muito grande, dá problemas de harmonia, dá uma desarmonia nas aulas de Educação Física. Tudo em função disso. Sim, aí, tu podes dizer: “É, mas tu poderias trabalhar outra coisa?” É, poderia. Mas, no momento em que tu

trabalhas uma coisa que tem bastante movimento nos jogos, dá problema, sempre dá problema. Aí, tem que estar equilibrando toda hora. [...] E os interesses, também, dos gurus é bem diferente dos das gurias. Então, pra mim, é muito mais fácil trabalhar separado (DORNELLES, 2011, p. 23).

A partir desse relato apresentado cabe a seguinte reflexão: o papel da EF e do professor é realmente esse? Com certeza não. Embora tenha autonomia pedagógica, o professor deve desconstruir esses estereótipos e não perpetuá-los. É preciso problematizar esses posicionamentos que expressam muitos preconceitos de sexo/gênero. Gênero é caracterizado a partir de um contexto social. Conforme Olinto (1998), o termo gênero é relativo à construção social do sexo. A autora nos traz que:

O uso do termo gênero expressa todo um sistema de relações que inclui sexo, mas que transcende a diferença biológica. O termo sexo designa somente a caracterização genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos. (OLINTO, 1998, p.162).

Com os alunos de ambos os sexos que optaram por aulas juntas, o que prevaleceu foram as respostas (05 masculinas e 04 femininas) relacionadas à **igualdade** e **mesmo tratamento**, em detrimento de outras como maior tempo de aula e diversão. Representando os meninos, temos os participantes 06, 12 e 14 que responderam, respectivamente: “*Porque todos devem ter o mesmo tratamento*”; “*Somos todos iguais*”; “*Direitos iguais*”. Revelando a opinião feminina, temos as participantes 30, 31 e 35, que escreveram: “*Porque ambos tem o mesmo direito*”; “*Sim. Porque tem que haver uma igualdade*”; “*Todos devem ter o mesmo tratamento*”.

Barbosa (2012), em sua pesquisa, pôde observar, através de depoimentos dos professores entrevistados, dois motivos para que as aulas não sejam separadas: o relacionamento/interação entre meninos e meninas e o respeito às diferenças. Segundo o autor, nas aulas mistas, para que haja interação e equilíbrio nas oportunidades oferecidas pela EF a ambos os sexos, os educadores devem dar atenção, sobretudo, às necessidades das escolares do sexo feminino e proporcionar a todos os estudantes vivência ampla das práticas corporais.

O autor ainda nos fala da importância de o professorado de EF, em sua atuação pedagógica, adotar as aulas coeducativas, as quais se destinam trabalhar as diferenças e igualdades, rompendo com modelos já estabelecidos na sociedade:

[...] A ajuda mútua sem discriminações, preservando os direitos de meninos e meninas participarem das atividades em mesmo grau de intensidade, respeitando as limitações e capacidades de cada sexo, sem a imposição de modelos preestabelecidos são características de aulas coeducativas. (BARBOSA, 2012, p. 23).

Com as aulas possuindo discentes de sexos diferentes, além de proporcionar oportunidades iguais de aprendizagem, o professorado pode trabalhar com diversos conteúdos e temas que tratem da igualdade de direitos entre homens e mulheres, além de tratar da desconstrução de preconceitos e alteridade, para que os escolares compreendam que o outro possui diferenças e que devemos respeitá-las.

CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi analisar como o componente curricular Educação Física é compreendido por escolares do sexo masculino e feminino que frequentam o Ensino Médio na região metropolitana de João Pessoa/PB e fazer a comparação entre os sexos. Através dos resultados, pudemos identificar que houve tanto aproximações quanto diferenças.

Foi possível constatar que, a respeito dos conteúdos, as diferenças se deram pelo fato de as meninas enxergarem como uma forma de diversão além de considerar a dança como um conteúdo de grande importância, enquanto os meninos estiveram preocupados com questões atreladas à saúde. Com relação ao significado das aulas, chamou-nos atenção o pouco interesse das meninas por aulas que envolvam o esporte. A respeito da preferência por aulas mistas ou separadas, verificou-se que houve certo equilíbrio nos resultados, com uma leve vantagem para a promoção de aulas mistas, somado o resultado de ambos os sexos.

Acreditamos que a análise dos resultados da nossa pesquisa possibilita ao professorado refletir e repensar suas práticas, visando promover alterações pertinentes no modo de ministrar as aulas. É possível proporcionar uma EF igualitária que atenda aos objetivos do componente curricular e contribuir para a formação moral dos discentes, transmitindo valores que levarão consigo para a vida adulta.

Como sugestão para futuros estudos, seria relevante dar continuidade a pesquisas sobre os entendimentos que estudantes do sexo masculino e feminino possuem sobre a disciplina de EF. Isso viria a possibilitar discussões mais aprofundadas, gerando dados de relevante importância para que os professores refletissem sobre suas aulas e se, de fato, estão contribuindo para a formação dos alunos de ambos os sexos de forma igualitária.

Os dados obtidos neste estudo com a participação de cinquenta escolares, de certa forma, proporciona uma limitação de discussões mais amplas, visto que foi feito apenas um recorte de milhões de estudantes espalhados por todo o Brasil, com diferentes culturas e realidades.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 491-501, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200012> Acesso em: 08 nov. 2021.

ARAÚJO, Mauren Lúcia Braga de; BOSSLE, Fabiano. A saúde de quem? Uma etnografia crítica sobre a saúde na Educação Física do ensino médio de uma escola da rede estadual pública de Uruguaiana-RS. **Motrivivência**, Florianópolis, v.34, n. 65, p. 01-27, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e83892> Acesso em: 12 nov. 2021.

BARBOSA, José Paulo. **Aulas de educação física no ensino médio mistas e separadas por sexo: quais as implicações no comportamento e aproveitamento dos alunos de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre**. 2012. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETTI, Mauro. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.20, n.2- 3, p. 84-92, 1999. Disponível em: <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/08MBetti.pdf> Acesso em: 10 nov. 2021.

BETTI, Mauro; LIZ, Marlene Terezinha Facco. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, set./dez. 2003. Disponível em <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/08MBetti.pdf> Acesso em: 14 out. 2021.

BRANDOLIN, Fábio; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio. **Revista de Educação Física/UEM**, v.26, n.4, p.601-610, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/KQdF88SbmKO5xhtK3Hr4p3B/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 nov. 2021.

BRACHT, Valter. **A Educação Física Escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser**. Ijuí: Unijuí, 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 17 jul. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei nº 13.145, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CRUZ, Marlon Messias Santana; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. Educação física e dança: proposições e possibilidades na escola. **Revista Cenas Educacionais**, v.3, n.e7023, p.1-16, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/7023/6100> Acesso em: 12 nov. 2021.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092004000100006> Acesso em: 12 nov. 2021.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. The discipline and practice of qualitative research, In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**, Thousand Oaks: Sage, p. 01-36, 2000. Disponível em: <https://www.daneshnamehicsa.ir/userfiles/files/1/9%20The%20SAGE%20Handbook%20of%20Qualitative%20Research.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DORNELLES, Priscila Gomes. Marcas de gênero na educação física escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**, v. 13, n. 37, p.12-29, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p12> Acesso em: 14 nov. 2021.

FERREIRA, Mayara Luana dos Santos Freire; GRAEBNER, Luciane; MATIAS, Thiago Souza. Percepção de alunos sobre as aulas de Educação Física do Ensino Médio. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 3, p.734-750, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i3.25587> Acesso em: 12 nov. 2021.

FREIRE, Rafael Silveira *et al.* Prática regular de atividade física: estudo de base populacional no norte de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 20, n. 5, p. 345-349, set/out 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-86922014200502062> Acesso em: 17 out. 2021.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2912> Acesso em: 12 nov. 2021.

KUHN, Simone Santos; SILVA, Lisandra Oliveira e; MOLINA NETO, Vicente. As perspectivas de estudantes ao final da escolarização básica sobre suas experiências nas aulas de educação física. **Pensar a Prática**, v. 23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v23.54117> Acesso em: 18 nov. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. São Paulo: Bookman, 2012.

MARTINS, Ana Beatriz Rizzotti; FREIRE, Elisabete dos Santos. O envolvimento dos alunos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, v.16, n.3, p.619-955, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i3.19222> Acesso em: 27 out. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/RoqueMoraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf Acesso em: 12 nov. 2021.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 1, p. 161-169, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X1998000200006> Acesso em: 08 out. 2021.

OLIVEIRA, João Paulo *et al.* Os saberes escolares em saúde na educação física: Um estudo de revisão. **Motricidade**, v. 13, p. 113-126, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/download/12939/10013/39102> Acesso em: 03 nov. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Antônio Carlos da; RODRIGUES, Graciele Massoli; FREIRE, Elisabete dos Santos. Educação física no ensino médio: as percepções dos estudantes sobre as aulas. **Pensar a Prática**, v.20, n.4, p.781-792, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i4.43820> Acesso em: 12 nov. 2021.

SILVA, Monique Costa de Carvalho e *et al.* A importância da dança nas aulas de Educação Física – Revisão Sistemática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/download/3310/3788> Acesso em: 10 nov. 2021.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 20, p. 1-8, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.006> Acesso em: 12 nov. 2021.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. A Construção do Gênero no Espaço Escolar. **Movimento**, v.12, n.01, p.59-80, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2891> Acesso em: 20 nov. 2021.

NOTAS DO AUTOR

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração dos participantes do estudo e dos membros do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Atividade Física e Saúde (LEPAFS – UFPB).

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob o parecer número 3.611.142 na data de 30 de setembro de 2019, CAAE: 21621919.8.0000.8069.

CONFLITO DE INTERESSES - Não há conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario, Maria Vitória Duarte.

HISTÓRICO

Recebido em: 11 de maio de 2022

Aprovado em: 13 de outubro de 2022